

DOSSIER 2

PRÁTICA ETNOGRÁFICA E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Uma introdução



excertos para discussão em aula

Antropologia Cultura e Arte | PPC | 1º ano | 2º semestre

Teresa Fradique | 2024

ESAD.CR | Politécnico de Leiria

“Antropologia: sobre o interesse em diferentes formas que as pessoas têm de olhar para o mundo” (excertos)

Joy Hendry (2017)

Enquanto disciplina, a antropologia pode assumir uma variedade de formas diferentes, e a base grega do termo, que significa simplesmente o estudo dos seres humanos, não ajuda muito a definir as coisas, especialmente quando descobrimos que alguns antropólogos trabalham com macacos e outros primatas não humanos mais do que trabalham com pessoas! O termo é também utilizado de formas diferentes em países diferentes, e existem mesmo diferenças subtis dentro do mesmo país. Aqui, o nosso foco principal é a **antropologia social e cultural**, o que significa que não iremos, portanto, discutir arqueologia, que é um tema intimamente relacionado com esta área e que, por vezes está incluído no termo antropologia. A arqueologia tem os seus próprios especialistas e métodos.

Também não trataremos aqui da antropologia biológica, que mais uma vez está intimamente relacionada, mas que se preocupa com a anatomia e fisiologia humanas, e, tal como a arqueologia, com o exame de vestígios e artefactos antigos, a fim de elaborar teorias sobre a evolução humana.

Assim, **compreender os aspectos sociais e culturais da vida humana** constitui o nosso foco principal.

Etnologia é outra palavra utilizada para estudos estreitamente relacionados com esta área, muitas vezes com um maior enfoque na **cultura material**, especialmente dentro da Europa, ou ainda relacionado com o **folclore**.

O que os antropólogos sociais e culturais geralmente partilham é um **interesse em diferentes formas que as pessoas têm de olhar para o mundo em que vivem**. Estas diferentes formas não são idiosincrasias individuais, mas diferentes **visões do mundo aprendidas à medida que as pessoas crescem em diferentes sociedades**, ou dentro de um dos diferentes grupos que constituem uma sociedade maior. Podem ser as diferenças entre as pessoas que vivem em Birmingham e Brighton, ou entre as que vivem nas Bermudas e Banguécoque, ou mesmo a **variedade de visões através de vários grupos diversos dentro de um desses lugares**.

Existe uma **variedade quase ilimitada de visões do mundo** para nós olharmos, e cada antropólogo tende a **especializar-se**, pelo menos durante algum tempo, a olhar para uma delas. (...) A nossa abordagem é holística, o que significa que

examinamos aspectos de todos estes campos, mas com um **forte enfoque nas pessoas reais “no terreno”** e na forma como o mundo as encara.

A maioria dos antropólogos sociais adquirem os seus conhecimentos especializados indo **viver numa sociedade escolheram** para trabalhar. Eles não vão lá apenas durante uma semana ou duas com um intérprete e um conjunto de perguntas - e aqui há uma diferença em relação a outras disciplinas próximas como a geografia ou a sociologia - eles vão por um ano ou mais, **tentando viver das pessoas nos quais recai seu interesse e tentando viver tanto quanto possível tal como essas pessoas vivem, em todos os seus aspetos**. O objetivo é assim tentar perceber, de forma rigorosa, **como é ser daquela sociedade em questão**, sendo que os antropólogos operam partido princípio que a melhor maneira de o fazer é **tentar viver com essas pessoas e partilhar das suas vidas**. A esta forma de investigação chama-se **observação participante**, pois o observador **recolhe o conhecimento através da participação na vida das pessoas** que se encontra estudar ao longo da sua **estadia no “terreno”**.

Ao resultado dessa pesquisa, na forma de texto, relato ou narrativas, chama-se **etnografia** - literalmente, escritos sobre um determinado grupo 'étnico' de pessoas, embora a etnicidade possa ser definida de diferentes formas e a **identidade partilhada** possa ser uma melhor base para a escolha de um foco de estudo. A palavra **etnografia** é utilizada em algumas outras disciplinas para descrever os **métodos de investigação** que mais se assemelham aos dos antropólogos do que à sua escrita.

Os antropólogos têm vários papéis valiosos a desempenhar e responsabilidades a considerar **neste mundo de crescente encontro intercultural e comunicação rápida**; de facto, muitos argumentam que os assuntos de que tratam são cruciais para que **o nosso globo seja gerido de forma pacífica e sustentável**. Os **encontros interculturais** tornaram-se comuns, mas ainda são frequentemente problemáticos e aqueles que conseguem compreender e explicar as diferenças culturais deveriam estar lá fora usando a sua formação e conhecimentos para **alertar as pessoas em posições de poder sobre como evitar problemas** que possam surgir. Este tipo de trabalho é necessário a **nível local** para permitir que **pessoas de origens diferentes possam viver lado a lado**, mas também é vital a **nível global**, se pensarmos como as **novas tecnologias** que foram desenvolvidas têm o potencial de nos destruir a todos. Os governos de todo o mundo procuram regularmente conselhos de economistas, mas os antropólogos que influenciam as grandes decisões políticas são ainda bastante poucos.

Parece haver uma compreensão gradual de que a investigação detalhada de natureza antropológica pode ser benéfica em muitas esferas, e os antropólogos estão finalmente a causar impacto em algumas delas.

breve glossário metodológico

Fazendo **trabalho de campo**, os antropólogos instalam-se para estudar num determinado contexto durante um bom período de tempo. Prosseguem conhecendo bem um grupo de pessoas, **participando nas rotinas regulares da sua vida quotidiana**, talvez até experimentando as actividades de vários membros diferentes da sociedade. Devem sempre pedir permissão para participar nos seus ritos, observar, na medida do possível, as suas cerimónias mais íntimas, e procurar explicações sobre o simbolismo que encontram.

Etnografia - escritos sobre um determinado grupo 'étnico' de pessoas, a parte descritiva do que os antropólogos fornecem nos seus relatos de trabalho de campo. O termo é também utilizado noutras disciplinas para descrever métodos de investigação que se assemelham aos dos antropólogos.

Observação participante - um método utilizado por antropólogos para conhecer um povo e as suas actividades, observando ao mesmo tempo que participam nas suas vidas

Trabalho de campo - levar a cabo um investigação prática, no "terreno" necessária a um estudo particular escolhido por um antropólogo.

Informantes - a palavra utilizada para membros da sociedade em estudo por antropólogos.

Colaboradores - termo utilizado recentemente em antropologia para descrever aqueles com quem trabalhamos, que colaboram na nossa investigação, para substituir o termo informante, menos igualitário.

[excertos baseados na obra: HENDRY, J. (2017). *An Introduction to Social Anthropology: Sharing Our Worlds*. Red Globe Press. | tradução livre por Teresa Fradique, citar a versão original]



"Seligman at work, Hula". Início séc. XX. "O antropólogo tem de abandonar a sua posição confortável da "varanda" onde está habituado a recolher depoimentos dos seus informantes e tem de se dirigir às aldeias". (adaptado de Malinowski 1922, em George Stocking JR., 1992, p.29. [nota: imagem re-enquadrada]

Antropologia: sobre o interesse em diferentes formas que as pessoas têm de olhar para o mundo (excertos)

Marc Augé & Jean-Paul Colleyn (2004)

A metodologia em que a antropologia se baseia é a **etnografia**. Trata-se do famoso **trabalho de terreno no decorrer do qual o investigador participa na vida quotidiana de uma cultura diferente** (longínqua ou próxima), **observa, regista, tenta captar o "ponto de vista indígena" e escreve**. Boas e Malinowski são reconhecidos como os fundadores deste método, um com os índios da costa oeste dos Estados Unidos, o outro junto dos habitantes das ilhas Trobriand, ao largo da Nova Guiné. Preferindo partir sozinho para investigar no terreno do que especular com base em relatos de exploradores, de viajantes, de militares e de missionários, **Boas**, a partir de **1886**, e **Malinowski**, em **1914**, inauguraram **uma nova fase da disciplina, fundamentada em monografias e em descrições minuciosas e tão completas quanto possível das realidades locais**. Contribuíram também para criar a **imagem romântica do etnógrafo dedicado à descrição de costumes estranhos em recantos longínquos**. A palavra 'terreno' que designa simultaneamente **um local e um objecto de pesquisa**, transformou-se numa expressão-chave do meio antropológico: 'trabalhamos no terreno', 'regressamos do terreno', 'abordamos um primeiro terreno', mantemos 'uma relação com o terreno', etc.

A **eficácia da investigação no terreno** consiste sem dúvida menos na pesquisa consciente e activa que numa **aprendizagem espontânea**. Esta é a razão, ainda que se tenha sempre de ter em conta a metodologia, que faz com que **a arte do terreno**, como por vezes e designada, **não se aprenda nos livros**. Quando nos encontramos imersos numa cultura diferente da nossa, **ela informa-nos e forma-nos muito mais do que aquilo que a nossa memória consciente e organizada nos poderá fazer pensar. Ela reflecte-se em nós mais do que nós reflectimos sobre ela.** (...)

A **antropologia abala as verdades estabelecidas**, na medida em que, por ocasião da sua deslocação ao terreno, o **investigador vê-se forçado a desprover-se da protecção do conformismo face a uma determinada ordem do mundo**. Assiste, participa e testemunha tentativas diversas, feitas por homens aqui e ali, para **viverem no mundo e lhe atribuírem um sentido**.

Para aquele que por ela passa, **a experiência no terreno provoca um duplo mas salutar desconforto**. Em primeiro lugar, um **desconforto material**, que lhe permite compreender que não deve deixar que **nenhuma definição prévia daquilo que é 'uma vida normal' possa provir de si mesmo**. Em seguida, mais arriscado, o de se ver constringido **a rasgar o tecido de hábitos e de ideias construídas que até então o protegiam**. A diferença entre o pensador enclausurado e **o investigador no terreno é que este último se viu pessoalmente modificado pela experiência.**(...)

Alguns antropólogos interessam-se não tanto em conceder prioridade a um objecto de pesquisa exterior, mas sobretudo **pela experiência antropológica enquanto forma de consciência produzida pelo encontro de duas culturas**. O objectivo da pesquisa surge então como **um trabalho sobre si mesmo, um enriquecimento da consciência de si** que pode também, eventualmente, comunicar algo acerca dos sistemas em presença.

(73-79)

[Excertos de AUGÉ, M. & COLLEYN, J.-P. (2004). "O Terreno", *A Antropologia*. Lisboa: Edições 70, pp. 73-83.]



Margaret Mead and unidentified Samoan friend. 1926.

“Levar os outros a sério é a regra número um do meu tipo de antropologia”

(excertos)

Tim Ingold (2019)

Em antropologia o **envolvimento** é essencial. Todo o estudo demanda **observação**, mas, na antropologia, **a observação se dá não pela objetivação dos outros, mas prestando atenção eles, vendo o que fazem, escutando que dizem**. Estudarmos **com as pessoas, ao invés** de fazer estudos **sobre elas**. Chamamos esse modo de trabalho de **“observação participante”**. Ele é um dos fundamentos da disciplina.

A observação participante demanda tempo. Não é raro os antropólogos passarem muitos anos no que eles chamam de **“campo”**. Situado, em princípio, em um lugar desconhecido, possivelmente como hóspede indesejado, o pesquisador está, em grande medida, **moralmente obrigado aos seus anfitriões ou anfitriãs**. Os antropólogos já escreveram extensivamente sobre a instituição da dádiva e demonstraram como os princípios de **dar e receber** estão âmago da vida quotidiana. Mas esses **princípios também são fundamentais para a prática do trabalho de campo antropológico**. É um exercício fundado na generosidade, em receber de bom grado o que é oferecido, em vez de procurar obter, por meio de mentiras ou subterfúgios, o que não é. Isso é o que diferencia o campo do laboratório. No campo, **é preciso esperar** para que as coisas aconteçam, e **aceitar o que oferecido quando é oferecido**. É por isso que **o trabalho de campo demora tanto**. O laboratório, por outro lado, é um lugar engenhosamente montado, equipado com instrumentos por meio dos quais as coisas são forçadas ou levadas a revelar seus segredos, conhecidos pela ciência como “dados”. (...)

A palavra que os antropólogos usam para descrever as pessoas é *etnografia*. **Observação participante é, então, um meio para a etnografia?** A maioria dos antropólogos diria que sim; de fato, na cabeça de muitos, método e resultado são tão confundidos que a própria prática da observação participante equivale ao trabalho etnográfico. **Mas eu discordo**. Reiterando, **a observação participante é uma forma de estudar com as pessoas. Não se trata de descrever outras vidas, mas unir-se a elas na tarefa comum de encontrar formas de viver**. Aqui, eu afirmo, reside **a diferença entre etnografia e**

antropologia. Assim, para o antropólogo, a observação participante *não é*, absolutamente, um método para a coleta de dados. **Ela é um compromisso de aprender fazendo, semelhante ao do aprendiz ou do aluno.** (pp.11-13)

Prestar atenção às coisas - observar os seus movimentos e escutar os seus sons - é flagrar o mundo em ação, como surfar a crista de uma onda sempre a ponto de quebrar. **Longe de chegar atrasado a um mundo onde os dados já foram lançados, é estar lá, presente e alerta, no momento mesmo em que ele toma forma.** Nesse momento, **a experiência e a imaginação se fundem e o mundo ganha vida.** (pp.17-18).

Uma antropologia futura, que seja especulativa e experimental, assim como descritiva e analítica, tem o potencial de transformar vidas. (p.65)

A antropologia é uma **disciplina que opera imergindo no processo da vida** e acompanhando-o. (p.67)

Ainda que formalmente classificada como ciência social, a antropologia tem apenas tem apenas uma base de apoio tênue aí. Eu penso que **o futuro da disciplina está em outro lugar, na convergência contemporânea da ciência com a arte.** (p.68)

Esta antropologia, então, será ciência ou arte? Anteriormente, eu comparei o antropólogo a um caçador: um sonhador, **um seguidor de formas de vida que aprende com a observação e entra na pele das coisas para conhecê-las por dentro.** Sem dúvida, **o papel da arte é o mesmo: despertar nossos sentidos, permitindo que o conhecimento cresça de dentro do ser, no desenrolar da vida.** Como o mais antropológico dos artistas, Paul Klee declarou em seu "Credo Criativo", de 1920: "A arte não reproduz o visível, mas torna visível!". A máxima de Klee se aplica com igual força à antropologia. **Não se trata da arte ou da antropologia refletirem o mundo como em um espelho. Trata-se da sua inserção nas relações e nos processos que dão origem às coisas mundanas, de modo a trazê-las para o campo da nossa consciência.** E, como a arte, a antropologia não precisa se comprometer apenas com a descrição e a análise das coisas como elas são. **Ela também pode ser experimental e aberta à especulação.** Certamente, o campo do antropólogo não é um laboratório e não é lugar para experiências, no sentido científico da montagem artificial de um cenário para testar uma hipótese preconcebida. Mas, como em qualquer momento da nossa vida cotidiana, **nós podemos experimentar ao intervir nas coisas e seguir os desdobramentos de nossas intervenções.** Trata-se de

interrogar os outros, e o mundo, e esperar por suas respostas. É o que acontece em todo diálogo. **E, como todo diálogo, ele transforma a vida de todos aqueles envolvidos.** (...)

A verdadeira contribuição da antropologia não está em sua literatura, mas **em sua capacidade de transformar vidas.** (...) não pode haver conhecimento que não cresça do **nosso engajamento prático com outros.** Pois o que **impulsiona os antropólogos**, em última instância, não é a demanda por conhecimento, mas **uma ética do cuidado.** Não nos importamos com os outros, tratando-os como objeto de investigação, atribuindo-lhes categorias e contextos, ou explicando-os. **Nós nos importamos ao torná-los presentes, para que eles possam dialogar conosco e nós possamos aprender com eles. Essa é maneira de construir um mundo onde haja lugar para todos. Nós só podemos construí-lo juntos.** (71-72)

[Excertos de INGOLD. T. ([2018] 2019). *Antropologia: Para que serve?*. Rio de Janeiro: Vozes Editora.]

Bibliografia recomendada:

- AUGÉ, M. & COLLEYN, J-P. (2004). *A Antropologia*. Lisboa: Edições 70.
- HENDRY, J. (2017). *An Introduction to Social Anthropology: Sharing Our Worlds*. Red Globe Press.
- INGOLD. T. ([2018] 2019). *Antropologia: Para que serve?*. Rio de Janeiro: Vozes Editora.

Bibliografia complementar:

- STOCKING, JR., George, 1992, *The Ethnographer's Magic and Other Essays in the History of Anthropology*, Madison/Wisconsin, The University of Wisconsin Press.
- MALINOWSKI, Bronislaw, [1922] 1997, "Introdução: objecto, método e alcance desta investigação" in *Ethnologia*, (6-8): 17-38.

[imagem capa: Malinowski na tenda. "Etnographer" da série *Trobriand Islands fieldwork photographs*, Data, c1915-1918 © London School of Political Science 2005 | nota: imagem re-enquadrada]

Aconselha-se a leitura completa dos capítulos referidos ao longo do dossier.